



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PET Geo
INFORMATIVO



Editorial

Aproxima-se o fim de ano, mas as atividades no PET Geografia não param. No final do mês de outubro os petianos participaram do XII Simpósio de Geografia da UDESC, organizado pela equipe do PIBID Geografia da universidade, a temática em educação do evento proporcionou aos petianos uma ampla reflexão sobre a educação em geografia e trouxe novos conhecimentos e experiências. O mês de novembro se inicia com a estruturação do projeto de extensão PET Registra, que será realizado no ano que vem em parceria com a professora da casa Daniela Onça. Nesse projeto será elaborado um documentário cuja temática será a farsa do aquecimento global, tema da tese da professora colaboradora. Em novembro também se inicia o planejamento do XIII Simpósio de Geografia da UDESC, que será organizado pelo PET Geografia com o apoio dos docentes do Departamento de Geografia da universidade, previsto para setembro de 2013. O final de novembro será marcado pela aplicação dos últimos CinePETs do ano, encerrando as atividades de extensão de 2012. Além das atividades realizadas em Florianópolis, os petianos Ana e João junto com os bolsistas de extensão colaboradores Paulo e Marieli, apresentarão os projetos CinePET e Educação Ambiental no 8º Encontro de Extensão da UDESC, realizado em Lages/SC nos dias 8 e 9 de mês que segue. No penúltimo mês do ano, os petianos seguem dando continuidade às suas pesquisas do Observatório da Grande Florianópolis.

Grupo PET-Geografia FAED/UDES

PetGeo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Ana Paula Esnidei Pereira, Carolina Datria Schulze, Felipe Polmann Alberici, Francine Sagas Florindo, Giovanni Silveira dos Santos, João Daniel Barbosa Martins, Laura Dias Prestes, Raphael Meira Knabben, Rudney da Silva, Samuel Bastos Bracagioli e Yasmim Rizzolli Fontana dos Santos

Edição: Carolina Datria Schulze

Revisão: Grupo PET-Geografia

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeopress@gmail.com

Nessa edição:

Página

Artigo: Notas preliminares sobre a indústria calçadista catarinense: Gênese e evolução....02	
PET Indica.....13	
Eventos.....16	

Notas preliminares sobre a indústria calçadista catarinense: Gênese e evolução

Helton Rogério da Rosa*

1. Introdução

Marcada pelo alto empenho de mão de obra intensiva, já que apresenta expressiva utilização de processos artesanais, a indústria calçadista brasileira encontra-se pulverizada por todo o território nacional, o que resulta na conformação de várias regiões produtoras. Com uma produção anual de 819,1 milhões de pares (ABICALÇADOS, 2012) divididos em gênero masculino (21%), feminino (56%), infantil (21%) e unissex (2%), o parque industrial brasileiro é formado por aproximadamente 8.000 unidades fabris, contabilizando 337,5 milhares de empregos, alçando o Brasil a terceiro maior produtor de calçados do mundo, atrás apenas da China e Índia, e quarto maior mercado consumidor mundial.

Destacam-se neste setor a tradicional participação do Vale dos Sinos (Rio Grande do Sul), Franca, Jaú e Birigui (São Paulo) e Nova Serrana (Minas Gerais), além de Goianira (Goiás), Bahia (com produção em várias cidades) e Santa Catarina com a concentração industrial no município de São João Batista e em unidades dispersas na região Oeste e Meio Oeste do estado.

Importante destacar que a indústria nacional de calçados reduziu massivamente a sua produção, inclusive com o fechamento de inúmeras unidades fabris, a partir da predatória abertura comercial da década de 1990. Como resposta às novas exigências mercadológicas, observa-se nos últimos anos a consolidação de novos parques produtores na região nordeste do país, principalmente nos estados da Paraíba e Ceará.

Está nova configuração espacial dá-se, sobretudo, pela adoção de inovadoras estratégias empresariais que resultaram no deslocamento de partes da cadeia produtiva de importantes empresas paulistas e gaúchas (Grendene, Vulcabras, Calçados Bibi, etc.) como resposta a implantação de atrativas políticas industriais regionais que focam nos incentivos e isenções fiscais e tributárias além do aproveitamento de espaços regionais ociosos. Tais estratégias foram necessárias frente aos desafios impostos pelas agressivas importações asiáticas, sobretudo chinesas, responsáveis pela retração de significativa fatia do mercado nacional e mundial, anteriormente destinada aos produtos brasileiros.

Como resultado deste processo de reestruturação da cadeia calçadista nacional, atualmente a produção brasileira de calçados está dividida da seguinte forma: 1) região Sul, respondendo por 34% da produção; 2) região Sudeste, 21%; 3) região Nordeste, 45% da produção nacional de calçados. (ABICALÇADOS, 2012).

Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGGEO/UFSC: Linha de pesquisa: Desenvolvimento Regional e Urbano.

Inserida no contexto nacional e ancorada nos novos processos industriais, administrativos, gerenciais e produtivos, a indústria de calçados catarinense buscou readequação frente às novas imposições concorrenciais, garantindo desta maneira, agressivo avanço na manutenção e conquista de novos mercados.

2. Gênese e evolução da produção calçadista em Santa Catarina.

A primeira pergunta que se deve fazer sobre a industrialização do calçado em Santa Catarina é referente ao motivo que levou a concentração produtiva deste bem de consumo no município de São João Batista e não em Brusque, Blumenau ou Joinville, importantes polos industriais do estado?

Vale lembrar que até o surgimento da indústria calçadista a região conhecida como Vale do Rio Tijucas apresentava limitada atividade manufatureira representada por algumas pequenas serrarias, olarias e engenhos de cana-de-açúcar, farinha, etc. Para uma compreensão do atual nível de desenvolvimento da atividade calçadista em Santa Catarina, faz-se necessário identificar a gênese da produção e os elementos que a determinaram, levando sempre em consideração “que a dimensão espacial e a temporal estão interrelacionadas” (VIEIRA, 1996, p. 454). Sendo assim, a atual organização espacial e produtiva da indústria calçadista catarinense se apresenta como síntese de “múltiplas determinações” (MARX, 2011), ou seja, de uma complexa combinação entre elementos físicos, biológicos e humanos. (CHOLLEY, 1964).

Conforme G. Paim (1957), muitos artigos de consumo eram produzidos dentro dos complexos rurais, caracterizados por serem unidades econômicas autônomas, onde existia uma produção natural (vestuário, calçado, alojamento, combustíveis, etc.) voltada às necessidades de consumo local. Em Santa Catarina, é por certo afirmar que na fase inicial de colonização efetivada por homens “procedentes da Capitania de São Vicente” (PEREIRA, 2011, p. 17) e posteriormente por luso – açorianos que ocuparam o litoral em meados do séc. XVIII, os calçados e outros bens de consumo fossem produtos de fabricação artesanal realizada dentro das pequenas propriedades e sem verdadeira especialização produtiva, ou seja, sem uma significativa divisão do trabalho. G. Paim descrevendo sobre a realidade brasileira do século XVIII e início do século XIX relata que “a falta de comunicação impedia que as aglomerações rurais autônomas se ligassem às outras, e, à margem da produção encaminhada ao mercado, florescia a produção destinada à satisfação das necessidades locais”. (PAIM, 1957, p. 17).

Esta significativa divisão do trabalho é inserida em Santa Catarina com a entrada de milhares de imigrantes europeus em meados do séc. XIX que ocuparam os vales atlânticos que ligam os contrafortes da serra geral diretamente ao oceano, formando verdadeiros corredores naturais isolados uns dos outros, inseridos no domínio morfoclimático de “Mares e Morros Florestados”. (AB’SÁBER, 2003). Tal isolamento geográfico serviu de proteção

natural às atividades industriais surgidas nestas porções do estado catarinense e facilitou a formação de inúmeras regiões economicamente ativas e independentes, a exemplos de Itajaí, Blumenau, Joinville, Tubarão etc.(MAMIGONIAN, 1966), em processo que significou o transplante da pequena produção mercantil da Europa para o Sul do Brasil (MAMIGONIAN, 1986). Vista sob este ângulo, ao analisarmos a distribuição geográfica das plantas industriais, percebe-se que a industrialização em Santa Catarina nada tem de acidental e prevalece onde atuam conjuntamente fatores humanos (imigração européia do séc. XIX) e organização social produtiva (pequena produção mercantil), e que segundo Vieira “estas características é que vão explicar a pujança industrial, que caracteriza a maioria das regiões catarinenses, com destaque no cenário nacional e internacional” (VIEIRA, 1996, p. 460).

Conforme relatado por O. Cabral (1958), entre os imigrantes entrados em Brusque em 1860, ano de sua fundação, contabilizava-se entre os inúmeros artesãos (ferreiro, padeiro, carpinteiro, etc.) quatro sapateiros, em 1876 a colônia já contava com 18 sapateiros. Contudo, ainda incipiente, a produção artesanal de calçados estava ligada as necessidades de consumo local (pequenos reparos e trocas em casos extremos devido à dificuldade de novas aquisições), não gerando demanda significativa. Esta tese exemplifica a afirmação de A. Mamigonian (1986) apropriada por J. Roche (1969) que “nem toda indústria sulista nasceu do artesanato (têxtil p. ex.), nem todo artesanato se transformou em indústria”, (calçado p. ex.), visto que Brusque não gesta industrialização voltada à produção de calçados.

Vale lembrar que São João Batista está estrategicamente localizada numa rota de passagem que ligavam importantes pontos de comércio no século XIX.

As limitações físicas do Vale do Itajaí-Mirim obrigaram precocemente a busca por novas terras a serem colonizadas. Como salienta O. Cabral (1958), devido a forte desenvolvimento econômico de Blumenau, o rumo tomado foi o vale vizinho do Rio Tijucas, sendo São João Batista o ponto natural de contato entre as duas regiões devido à facilidade existente no relevo divisor de águas, daí resultar uma grande combinação social com presença de inúmeras etnias, dentre as mais significativas destacam-se a italiana, entrada em 1836 e a alemã, fruto da expansão territorial de Brusque pós 1880.

Soma-se a proximidade com Brusque, cidade com significativa produção manufatureira, o importante contato com o planalto catarinense. São João Batista era ligada a Lages através de rotas de muares que desciam junto ao curso do rio Tijucas, passando por Nova Trento, São João Batista e alcançando o porto localizado na foz do rio, ligação que proporcionava intenso comércio, inclusive com praças comerciais mais distantes como Florianópolis e São José.

Como ponto regional de convergência comercial entre planalto (Lages), Vale do Itajaí-Mirim (Brusque) e Vale do Rio Tijucas, resulta no aparecimento de importantes pontos de comércio, os chamados “secos & molhados”. As duas primeiras casas comerciais aparecem em 1889, uma de propriedade de Gaspar Bernadino da Silva e outra de Luiz Laus, objetivando o impulso comercial que se iniciava na região. É importante destacar que os contatos

comerciais favoreceram não apenas as trocas mercantis e a instalação dos “secos & molhados”, mas importante ponto de apoio aos viajantes de passagem.

É nesse contexto que nasce a atividade coureiro/calçadista de São João Batista, pois em 1913 Eleotério Vargas monta a primeira fabriqueta de calçados (tamancaria) instalada nos fundos de quintal no bairro Cardoso, inicialmente atendendo aos consertos de selas e arreios de viajantes de passagem e realizando a manutenção e fabricação de rústicos calçados com as sobras do couro. Um ano após, em 1914, os irmãos Nazário e José Oliveira montam uma fábrica de apetrechos para montaria e tamancaria aproveitando o crescente mercado local.

De acordo com Mamigonian (1986) a conjuntura da primeira guerra mundial foi muito favorável às indústrias nacionais e catarinenses. Com a deflagração do conflito houve a imposição de barreiras às trocas mercantis, facilitando a produção interna de bens de consumo num verdadeiro processo de substituição de importações. Na indústria nacional Franca despontava na produção de couros, principalmente para produção de arreios e selas, ficando a fabricação de calçados em segundo plano, fato que foi aprofundado na década de 1930 e em especial com o advento da II Guerra mundial, pois, ampliavam-se as encomendas provindas da Europa em busca do couro brasileiro, endereçado principalmente para Suécia e Suíça. (NAVARRO, 2006).

Em Novo Hamburgo - RS, assim como em Franca, a produção de calçados coexistia com a produção de selarias, e segundo Costa (2004, p. 10) “o dinamismo do setor assentava-se no mercado interno, dependendo, então, do crescimento da população e da renda per capita”, não havendo então especialização produtiva voltada exclusivamente aos calçados, daí A. Costa (2004) afirmar que não se podia considerar, no sentido estrito, uma indústria de calçados.

Desta forma, notoriamente, percebe-se que a produção de calçados em Santa Catarina nasce protegida por condicionantes geográficas e comerciais, já que mantinha distância de Franca e Novo Hamburgo, duas importantes regiões produtoras de calçados. Aos poucos surgiram na região pequenas unidades artesanais que produziam sapatos, tamancos e realizavam reparos em peças de couro das mais variadas aplicações (sapatos, peças de vestuário, selas e arreios para animais, etc.).

Cabe ressaltar a variada oferta de matéria prima na região, pois, no início do século eram contabilizados três curtumes em Dona Francisca (HERING, 1975), importante curtume em Blumenau de propriedade de Oswald Otte, fundado em 1903 e especializado na produção de solados, inclusive exportando para o Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul (MAMIGONIAN, 1965), quatro curtumes em Brusque, um deles chegando a produzir vaquetas e camurças, sendo 60% para a região e 40% para Lages (MAMIGONIAN, 1960), além da possibilidade do abastecimento de couro provindo dos campos de Lages, já que mais grossos que os demais, eram exportados para Grécia, via porto de Desterro, para a fabricação de sandálias (HERING, 1975).

Em 1919, Aires de Bernardes e Jovina Bernardes, fundam também de forma totalmente artesanal, uma pequena tamancaria de fundo de quintal. Logo, com a expansão da produção e crescente mercado interno, dá-se início a atividade comercial referente a comercialização dos calçados produzidos.

Cabe destacar que, sob influência da conjuntura depressiva da economia mundial (fase “b” do 3º Kondratieff - 1921 -1948), a atividade calçadista na região ganha novo fôlego. Notadamente, no ano de 1926 surgem dois novos empreendimentos que caracterizam o amadurecimento das condições de produção. Surge a primeira sapataria comercial da região, fruto do desenvolvimento de modesto negócio estabelecido em 1913 pelo Sr. Eleutério Vargas, agora com a contratação de três sapateiros produzia dois pares ao dia totalmente de forma artesanal. Ainda no mesmo ano, Lindolfo Marcelino Pereira monta sua primeira sapataria após fazer um curso de sapateiro na cidade de Brusque.

Destaca-se importante momento para a consolidação da produção calçadista na região decorrente da fundação da Sapataria Pereira. Fruto de uma sociedade local fundada em 1929 e empregando cinco sapateiros, insere pioneiramente o uso da primeira máquina de costura no auxílio à produção, até então totalmente artesanal, passando a diversificar a produção fabricando além de novos modelos de calçados, cintos e bonés com as sobras do couro. Após, em 1940, a sapataria é vendida e passa a chamar-se Sapataria União. (SEABRA, 2008).

Sob a influência da recessão causada pela crise de 1929, a qual afetou as estruturas econômicas e produtivas dos países centrais, as substituições de importações ganharam novo incremento, de acordo com A. Mamigonian foi a partir deste momento que a produção de calçados passou a ter importância em nosso país e na América Latina (MAMIGONIAN, 2011), pois, com os esforços voltados à industrialização tornar-se-ia impositiva a necessidade de modernização produtiva, esta por sua vez dever-se-ia fazer pela produção de máquinas e equipamentos, internamente, ou pela compra de maquinários importados.

Em 1939, também localizada no bairro Cardoso, começa a funcionar a sapataria de Otaviano Dadam. Quatro anos mais tarde surge a Sapataria A Favorita dirigida por Olívio Niels. Logo, percebe-se que aos poucos o setor calçadista em São João Batista vai se desenvolvendo ancorado em inúmeras pequenas iniciativas familiares, chegando à década de 1960 com aproximadamente 22 unidades produtoras de calçados, selarias e arreamento para animais. (SEABRA, 2008).

Cabe ainda destacar o importantíssimo papel desempenhado na vida econômica da região pela instalação em 1944 da Usina de Açúcar do grupo Portobello (USATI). Localizada em São João Batista, localidade pertencente ao município de Tijucas até 1958, a usina de açúcar figurava entre as principais justificativas da emancipação política, já que era uma potência econômica na região e responsável por elevada receita aos cofres públicos da sede distrital de Tijucas. Com os crescentes lucros advindos com os altos preços do açúcar no mercado, o grupo diversifica seus investimentos e se volta à produção cerâmica (Cerâmica Portobello). Além de nova oferta de empregos e importante fonte de renda, a usina acabou

dinamizando o mercado local e servindo como futura indutora de novos empreendimentos calçadistas após fechar suas portas na década de 1980. Com os capitais adquiridos com as rescisões trabalhistas, muitos ex-funcionários passaram a investir na produção de calçados, fato comprovado com o caso da Indústria de Calçados Via Scarpa onde L. Kammer, após algumas sociedades, investe em sua própria indústria de calçados, fundando em 1993, importante indústria da região, hoje com uma produção de 17.000 pares/mês.

O desenvolvimento econômico pode ser verificado pelas inúmeras iniciativas surgidas na cidade. Em 1954 é instalada na Rua Nereu Ramos estabelecimento comercial de gêneros alimentícios, logo atendendo também ao comércio de ferragens. Em 1959 é inaugurada GOEDERT&REINERT (Walmor, Ani e Ari Reinert), importante casa de “secos & molhados”, mais tarde desmembrando em uma pequena fábrica de calçados de propriedade de Ari Reinert, negócio que serviu de embrião a empresa denominada Aye-Aye, ainda hoje atuando no ramo calçadista e de propriedade familiar.

Não podemos ignorar o aparecimento das primeiras fábricas de calçados no sul do estado. O fenômeno calçadista conhece sua gênese nesta porção do território catarinense ainda na década de 1950. Dentre as empresas mais significativas merecem destaque a pioneira Petry & Cia instalada em Araranguá, fruto de uma sociedade desfeita em Novo Hamburgo-RS. Em Criciúma nascem a Calçados Tupan (1950) e Calçados Crisul (1956), esta última distribuindo sua capacidade produtiva (5.500 pares/dia) em três unidades regionais localizadas em Araranguá, Orleans e Siderópolis. (GOULARTI FILHO, 2007). Ainda segundo G. Filho, “a expansão das atividades calçadistas de Novo Hamburgo e o dinamismo da pequena produção mercantil combinaram-se e deram origem à indústria de calçados no sul de Santa Catarina” (2007, p. 270).

No tocante ao período compreendido entre 1960 e 1990 destaca-se a significativa expansão do parque industrial calçadista brasileiro e de Santa Catarina. Instalam-se na região de São João Batista inúmeros estabelecimentos voltados à produção principal ou que à auxiliam ofertando matéria-prima ou serviços especializados, iniciando um movimento que resultará na conformação da mais importante concentração industrial de calçados do estado catarinense.

Em 24 de abril de 1966 é inaugurada em São João Batista a Calçados Tânia, empreendimento de Ari Booz e a mais antiga indústria calçadista em atividade na região. Devido à reestruturação ocorrida no setor pós-crise da década de 1990, através da promoção em agressivas campanhas de *marketing* evidenciando a marca Raphaella Booz (nome fantasia), a empresa pioneiramente inova no setor calçadista catarinense em novas estratégias de mercado.

Tais inovações focaram na instalação de lojas próprias e a gradativa retirada de seu produto das lojas multimarcas (Carioca Calçados, Pittol Calçados, etc.). Na atualidade, os produtos Raphaella Booz concorrem em todo o Brasil com marcas líderes de mercado

(Arezzo, Schultz, Carmen Sthefens, etc.), mostrando a mudança no foco de atuação. Hoje são 13 lojas, entre franquias e lojas próprias, espalhadas por todo o país.

Merece destaque o surgimento em 1976 da Calçados Ana Paula. Atuante até hoje, fornece produtos para o todo o Brasil e inclusive exportando para vários países como EUA, Austrália, África do Sul e Espanha, este último com grande tradição na fabricação de calçados com alto valor agregado, o que mostra o nível de concorrência dos calçados catarinenses frente aos mercados mais exigentes.

Em 1984 é inaugurada por Almir e Adilson Puel a Cartonagem Puel, atuante até os dias atuais, auxilia a produção calçadista da região fornecendo embalagens e caixas para o produto final. Ainda no mesmo ano surge a Calçados Ala, empresa familiar dirigida inicialmente por Aderbal Manoel dos Santos com auxílio dos filhos, hoje figurando entre as principais fábricas da região. Cabe ainda destacar o caso da Indústria de Calçados Suzana Santos que, por iniciativa de ex-sócio da Calçados Ala, abre suas portas no ano de 1995. Hoje, além dos calçados com marca de mesmo nome produz outras duas marcas, Renata Mello e Art's Brasil, mostrando importante estratégia empresarial já que cada uma atende a distintos nichos de mercado.

A atividade calçadista em São João Batista se consolida definitivamente após a fundação em 1989 da Associação dos Artesões do Vale do Tijucas e a criação do Sindicato das Indústrias de Calçados de São João Batista (SINCASJB) em 1990. Este último responsável pela atração de várias entidades de apoio a produção calçadista estabelecendo importantes parcerias para formação de um atrativo arcabouço técnico/produtivo. Destacam-se a participação do SEBRAE, SENAI, Federação da Indústria do Estado de Santa Catarina (FIESC), CDL/SJB e Prefeitura Municipal de SJB, os quais oferecem inúmeros serviços como a importante atualização técnica da mão-de-obra, subsídios à participação do empresariado local em feiras nacionais e internacionais favorecendo o constante contato com as inovações setoriais ligadas ao desenvolvimento de processos e produtos.

3. A Indústria Calçadista Catarinense: Panorama atual da produção.

Formada principalmente por empresas de micro, pequeno e médio porte, a indústria catarinense de calçados atende majoritariamente à produção de calçados femininos fabricados em cabedais de couro, borracha, materiais sintéticos e têxteis. Cabe ainda destacar que, há em Santa Catarina a produção de calçados altamente especializados atendendo aos setores de segurança industrial e esportivo, o que coloca o estado entre os mais importantes produtores de calçados do Brasil.

Especializada na produção de calçados femininos (sandálias, scarpins, chinelos, botas, etc.), a cadeia produtiva do Vale do Rio Tijucas está distribuída geograficamente entre as cidades de Major Gercino, Nova Trento, Canelinha, Tijucas e São João Batista, esta última com a maior concentração de empresas. Em 2009 a região contava com a presença de 450

empresas, sendo que destas, 150 eram diretamente ligadas à produção de calçados, representando 3,7 % da força produtiva nacional, as 300 empresas restantes garantem auxílio à produção principal como prestadoras de serviços e fornecedoras de matéria-prima. (ABICALÇADOS, 2012).

Importante destacar o papel desempenhado pela terceirização produtiva via pequenos ateliês familiares na produção batistense. Resquício da estruturação inicial da atividade, concentrada em pequenas oficinas artesanais familiares, os ateliês são de suma importância no auxílio a produção, já que devido à sazonalidade produtiva e a falta de mão-de-obra na região, estes são encarregados pela execução de partes do processo produtivo, em especial nos períodos de pico da produção no segundo semestre do ano.

Ainda, segundo Neves Filho (2002), merece destaque a produção de solados, que já atende cerca de 80% do consumo local, como também empresas especializadas na fabricação de formas, palmilhas e saltos. Tais informações revelam o desenvolvimento de uma cadeia produtiva local, percebido pelo aumento de indústrias correlatas e a gradual substituição de fornecedores de outros estados.

Cabe ainda destacar que está sendo gestada em Santa Catarina, fora dessa região concentrada, importante produção calçadista. Empresas ligadas a grandes grupos empresariais regionais, com vasta diversificação de investimento e altamente especializadas encontram-se dispersas ao longo do território catarinense, mais precisamente no Oeste e Meio Oeste do estado. Com a produção de calçados com altos investimentos em P&D e maquinaria de ponta, a Calçados Viposa destaca-se na produção de calçados destinados aos setores industriais e segurança como coturnos, botas, sapatos, tênis e botinas. Destaca-se também a participação da Calçados Tronic (Xaxim - SC) e Dray (Saudades - SC) com a produção de calçados destinados a práticas esportivas como chuteiras e tênis para futebol de campo, *society*, salão e esportes *indoor*, com distribuição nos mercados nacionais e internacionais.

Santa Catarina contava, até a abertura criminosa dos mercados nacionais frente a imposições neoliberais, com importante produção calçadista na região sul do estado, concentradas nos municípios de Criciúma, Sombrio e Araranguá. É importante destacar que indústria calçadista alocada na região constituía nos finais da década de 1960, ao lado da indústria de pisos, azulejos e vestuário, importante pilar econômico regional, chegando a ser o terceiro maior empregador (5500 empregos diretos) no ano de 1985, “o que representava na época 19,1% do total de empregos ofertados nas principais atividades industriais” (GOULART FILHO, 2007, p. 272).

Contudo, afetada diretamente pela crise instaurada pelas equivocadas políticas econômicas pós 1985, sobretudo nos governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, a indústria calçadista da região sul do estado sofreu significativa retração. Com grande dificuldade em escoar a produção, vale dizer, tipo exportação, a indústria desse setor praticamente desaparece, perdendo na atualidade a representatividade produtiva alcançada em tempos anteriores.

Importa salientar que no ano de 1986 o setor calçadista de São João Batista chegou a possuir 300 empresas com 8000 empregados, no ano 1998 o setor contava com apenas 88 empresas e com 1442 trabalhadores ativos (NEVES FILHO, 2002), tal redução se deve as dificuldades enfrentadas em decorrência direta da crise econômica instaurada via políticas liberalizantes no país.

4. Considerações finais.

Em suma, a sobrevivência da atividade calçadista em São João Batista e a extinção da mesma no sul do estado estão diretamente ligadas às especificidades produtivas de cada região. Em São João Batista a produção prematuramente focou no atendimento ao mercado interno, buscando aproveitar importantes fatias do mercado nacional deixadas de lado pelos grandes produtores gaúchos e paulista voltados à exportação. Já o sul do estado, especializado em produtos menos elaborados para exportação, sofreu com a paridade cambial levada a cabo por sucessivos governos entreguistas, tornando os produtos brasileiros menos atrativos nos mercados internacionais, resultando em desmantelamento do parque produtivo sul catarinense e a busca por novas atividades produtivas mais atrativas aos industriais da região.

No Oeste e Meio Oeste a produção de calçados altamente especializados completam o quadro industrial catarinense. Sem se intimidar pela localização periférica e inserida em grandes grupos empresariais com marcante presença em diversos setores produtivos, a indústria calçadista da região é marcada pelo alto desempenho e alta utilização mecânica na produção.

Soma-se a representativa e versátil atividade industrial de Santa Catarina a dinâmica indústria de calçados atendendo aos mercados mais exigentes com a presença de inúmeros produtos catarinenses concorrendo de igual para igual, e em muitos casos superiores, com produtos nacionais e importados. Importante frisar a necessidade de políticas industriais à indústria calçadista catarinense, pois, diante de tal cenário econômico, apenas a união de forças entre empresários e governo pode resultar em um setor forte aos desafios que, por hora, entravam a produção industrial catarinense.

Bibliografia

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 6. ed. São Paulo: Ateliê, 2010.

ABICALÇADOS. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados: **Cartilha Estatística Calçados**. (Vários Anos). 2012.

CABRAL, Oswald R. **Brusque**: Subsídios para a história de colônia nos tempos do império. Brusque: Edição S.A.B, 1958

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. In: **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: CNG, mar./abr., 1964.

COSTA, Achiles B. da, PASSOS, M. Cristina. (Org.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul**: Unisinos, 2004.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

HERING, M. L. Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Ed. Da FURB, 1987.

MAMIGONIAN, Armen. Indústria de Santa Catarina. In: Atlas de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986.

_____. A indústria de calçados na América Latina: o caso brasileiro. In: **Encuentro de geógrafos de América Latina**, 13º, Costa Rica: 2011. Anais em CD... Costa Rica: 2011.

_____. Vida regional em Santa Catarina. In: **Orientação**. São Paulo: IG/USP, 1966.

_____. Localização industrial no Brasil (Notas metodológicas e exemplos). In: **Boletim paulista de Geografia**. N. 51. São Paulo: 1976.

_____. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**. V 27, n. 3, p. 387-481. Rio de Janeiro, jul./set., 1965.

_____. A indústria em Brusque (Santa Catarina) e suas consequências na vida urbana. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro, 1960.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NAVARRO, Vera Lucia. **Trabalho e trabalhadores do calçado**. SP: Expressão Popular, 2006.

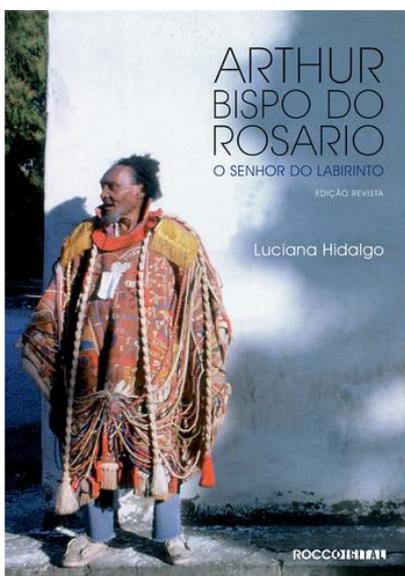
NEVES FILHO, Pedro Antônio; Universidade do Estado de Santa Catarina. **Estudo da competitividade internacional das empresas do consórcio de exportação de calçados do município de São João Batista**. 2002. 196 f. : Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Administração, Mestrado em Administração, Florianópolis, 2002.

PEREIRA, Raquel M. F. do A. Santa Catarina no contexto da formação Sócio-Espacial do Brasil Meridional: do período colonial ao início do séc. XX: In: Armen Mamigonian (Org.). **Santa Catarina**: Estudos de geografia econômica e social. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011.

SEABRA, Fernando.; LINS, N. Hoyedo.; CARIO, A.F. Silvio CARIO. Arranjo Produtivo de Calçados da Região do Vale do Rio Tijucas. In: Silvio Antônio Ferraz. (Org.). **Economia de Santa Catarina**: inserção industrial e dinâmica competitiva. Blumenau: Nova Letra, 2008.

VIEIRA, Maria G. E. de Deus; PEREIRA, Raquel M. F. do Amaral. Formações sócio-espaciais catarinenses: notas preliminares. In: **Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina**. Florianópolis: IHGSC, 1996.

PET-Indica



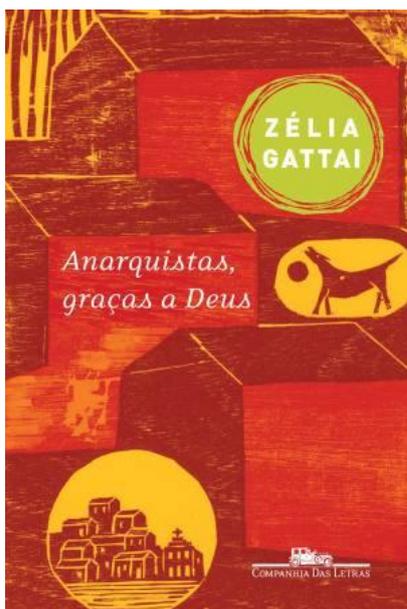
LIVRO

Arthur Bispo do Rosario – O Senhor do Labirinto

Autora: Luciana Hidalgo / Editora: Rocco

Diagnosticado de esquizofrenia, na cela de um hospício carioca, Arthur Bispo do Rosario criou, ao longo de 50 anos, um mundo novo. Miniaturas, mantos, estandartes brotaram de suas mãos, ganharam cor, deram um novo sentido à sucata do asilo psiquiátrico. Para Bispo, tratava-se de uma obra ditada por anjos, para ser apresentada a Deus no Juízo Final. Para vários críticos, no entanto, era pura arte. Ele driblou o sistema psiquiátrico e desfiou o próprio uniforme para reutilizar a linha em bordados de seu universo particular. Premiado com o Jabuti na categoria reportagem em 1997, “Arthur Bispo do Rosario – O senhor do labirinto” tornou-se referência ao abordar a delicada questão do tratamento de usuários de serviços de saúde mental e a relação íntima entre loucura e criação artística, a partir da vida e obra desse sergipano descendente de escravos. Com uma narrativa fluente, herdada da carreira jornalística da autora, e um enriquecedor encarte de fotografias, o título foi a primeira biografia de Bispo do Rosario e mantém-se como uma das principais fontes de pesquisa sobre o artista. Arthur Bispo do Rosario – O senhor do labirinto foi adaptado para o cinema e deu origem ao filme homônimo de Geraldo Motta, com roteiro da autora e do diretor.

FONTE: Adaptado de: <https://www.iba.com.br/livro-digital->



LIVRO

Anarquistas graças a Deus - Memórias

Autora: Zélia Gattai/ Editora: Companhia das Letras

Publicado em 1979 e transformado em minissérie da rede Globo em 1984, *Anarquistas, graças a Deus* é o livro de estreia de Zélia Gattai e seu primeiro grande sucesso.

Filha de anarquistas chegados de Florença, por parte do pai Ernesto, e de católicos originários do Vêneto, da parte da mãe Angelina, a escritora trazia no sangue o calor de seus livros. Trinta e quatro anos depois de se casar com Jorge Amado, a sempre apaixonada Zélia abandona a posição de coadjuvante no mundo literário e experimenta a própria voz para contar a saga de sua família.

A obra retrata a aventura dos imigrantes italianos em busca da terra dos sonhos e o percurso interior da pequena Zélia na capital paulista - uma menina para quem a vida, mesmo nos momentos mais adversos ou indecifráveis, nunca perdeu o encanto. A determinação de seu Ernesto e a paixão pelos automóveis, a convivência diária com os irmãos e dona Angelina, os sábios conselhos da babá Maria Negra, as idas ao cinema, ao circo e à escola, as viagens em grupo, o avanço da cidade e da política. Nestas crônicas familiares, vida e imaginação se embaralham, tendo como pano de fundo um Brasil que se moderniza sem, contudo, perder a magia.

FONTE: Adaptado de:

<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12741> e
<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=30029818&sid=20019101314118538886132146>



DOCUMENTÁRIO

A Ponte - Documentário sobre a periferia de São Paulo

Instituto Rukha / Sindicato Paralelo

Direção: Roberto T. Oliveira e João Wainer

Duração: 42 minutos

Acesse: www.casadozezinho.org.br

O rapper Mano Brown, a educadora Dagmar Garroux e o escritor Ferréz convivem diariamente com as mazelas da periferia de São Paulo. Cada um a seu modo, trazem uma bagagem de experiências que merece reflexão. É o que faz o documentário “A Ponte”, produzido pelo Instituto Rukha.

O filme mostra a situação da desigualdade social na Zona Sul de São Paulo por meio da figura de Dagmar Garroux, conhecida como Tia Dag. Ela é a fundadora da Casa do Zezinho. A entidade trabalha desde 1994 com o desenvolvimento de crianças e jovens. No início eram 07 “Zezinhos”, hoje a Casa conta com mais de 1200 crianças e jovens.

A câmera do documentário passeia pelas ruas do Capão Redondo, Jardim Angela e Jardim São Luis, todos bairros da zona sul da capital paulista, e expõe o tempo todo a diferença existente entre as duas margens do Rio Pinheiros. “O Rio pinheiros divide o pobre dos ricos”, afirma o rapper Mano Brown. Tia Dag complementa: “A ponte do Rio Pinheiros é o muro de Berlim.”

O filme pretende mobilizar a sociedade, mostrando que existe um caminho para a transformação. “Não é uma denúncia vazia. Optamos por mostrar que a realidade é muito dura, mas paralelamente mostramos a história da Tia Dag como uma possibilidade de mudança para a região”, afirma Luiz Alfaya, diretor-presidente do Instituto Rukha.

Para Roberto Oliveira, diretor do filme, “a ideia é abrir os olhos das pessoas”. Segundo ele, “o Brasil vive uma situação de guerra civil e as pessoas não se dão conta. Elas precisam se mexer e mudar a realidade.”

É possível ver o documentário online pelo link:

<http://vimeo.com/14814248#at=3>

FONTE: <http://factoide.com.br/2010/09/27/documentario-a-ponte/>

Eventos

Novembro 2012

14ª edição do Cidade Revelada, Encontro sobre Patrimônio Histórico, Arquitetura, Turismo e Cultura

Data: 27 a 30 de novembro de 2012

Local: Casa da Cultura Dide Brandão – Itajaí/SC

Informações: http://www.fgml.itajai.sc.gov.br/v2/pag_eventos.php?m=1032

Evento gratuito

FIMAI / SIMAI- 2012 - XIV - Feira e Seminário Internacional de meio Ambiente e Sustentabilidade

Data: 06 a 08 de Novembro de 2012

Local: São Paulo/SP

Informações: <http://www.fimai.com.br/>

II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades

Data: 12 a 14 de novembro de 2012

Local: UNESP – Campus de Presidente Prudente/SP

Informações: http://www.geci.ibilce.unesp.br/logica_de_aplicacao/site/index_1.jsp?id_evento=15

VI SIMPGEO - Simpósio Paranaense de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

Data: 5 a 8 de novembro de 2012

Local: Hotel Spa Vale do Jordão e Campus Cedeteg – Guarapuava/PR

Informações: <http://www.unicentro.br/simpgeo/evento.asp>

IV Encontro Internacional de Geografia da Saúde

Data: 15 a 18 de novembro de 2012

Local: Presidente Prudente - FCT-UNESP

Informações: www.fct.unesp.br/#45,2226

X Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica

Data: 19 a 23 de novembro de 2012

Local: Manaus - UFAM

Informações: www.xsbcg.com

Eventos 2013

XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina

Data: 8 a 12 de abril de 2013

Envio de trabalhos: Até a última semana de novembro

Local: Lima/Peru

Informações: <http://www.egal2013.pe>

III Simpósio Nacional de Geografia Política

Data: de 07 a 10 de maio de 2013

Local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Informações: <http://geosimposio.wordpress.com>

XVI SBSR - Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto

Data: 13 a 18 de abril de 2013

Foz do Iguaçu, PR - Brasil

Informações: <http://www.dsr.inpe.br/sbsr2013/index.html>

XV SGBFA - Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada

Data: 08 a 12 de julho de 2013

Centro de Convenções de Vitória - ES

Informações: <http://www.xvsbgfa2013.com.br/>